

Eu só queria embalar meu filho. Gênero e maternidade no discurso dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul

Cristina Scheibe Wolff¹

Resumo:

Este artigo pretende analisar, de uma perspectiva comparativa, como o gênero e a ideia de maternidade foram usados nos discursos dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul da América do Sul. Entre as décadas de 1960 e 1970, mais ou menos ao mesmo tempo, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai viveram regimes militares com características semelhantes.

A maior justificativa usada para legitimar estes regimes de exceção, foi a luta contra o comunismo, que naqueles tempos de Guerra Fria, amedrontava a elite e a classe média naqueles países, que deram suporte aos golpes militares. A Ditadura não era uma coisa nova nesses países, talvez com exceção do Uruguai e do Chile, que viveram décadas sob regimes democráticos. E também devemos considerar a influência do governo dos Estados Unidos na divulgação da doutrina da Segurança Nacional e o suporte, com treinamentos e equipamentos para as forças armadas de várias nações, cada um de acordo com sua especificidade.

Palavras-Chave: Gênero, Ditadura, Maternidade, Cone Sul.

Abstract:

This article seeks to analyze, from a comparative perspective, how the idea of motherhood and gender were used in the discourse of resistance movements against the dictatorships in the Southern Cone of South America. Between the 1960s and 1970s, more or less simultaneously, Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Paraguay and Uruguay lived military regimes with similar characteristics.

The major justification used to legitimize these regimes of exception was the fight against communism, which in those days, of the Cold War, frightened the elite and the middle class in those countries that supported the military coups. The dictatorship was not a new thing in those countries, perhaps with the exception of Uruguay and Chile, who lived decades under democratic regimes. In addition, we must consider the influence of the U.S. government in spreading the doctrine of national security and support with training and equipment for the armed forces of several nations, each according to their specificity.

Keywords: Gender, Dictatorship, Maternity, Southern Cone.

Angélica, a música de Chico Buarque e Milton, conta a história de Zuzu Angel, mãe de Stuart Angel Jones, preso, torturado e assassinado pela ditadura brasileira em 1971.² A letra é bonita e poética, e é o lamento de uma mãe que apenas quer saber sobre seu filho, mesmo que ela saiba que ele provavelmente está morto, mas ela quer o corpo, quer agasalhar o filho, que mora na escuridão do mar, onde foi jogado, após o assassinato. A história de Zuzu Angel³ e sua luta para saber sobre seu filho desaparecido é bem conhecida, como a história das Mães da Praça de Mayo, e outros grupos ou indivíduos no Cone Sul. Estas mães, parentes, esposas e outros militantes que sistematicamente denunciaram a violência das ditaduras e resistiram a todos os tipos de pressão, sempre dizendo não e exigindo o retorno de seus filhos e companheiros, muitas vezes usaram as emoções e sentimentos que circundam a ideia de maternidade e família, como também as configurações de gênero do feminino, para chegar aos corações da opinião pública.

Este artigo pretende analisar, de uma perspectiva comparativa, como o gênero e a ideia de maternidade foram usados nos discursos dos movimentos de resistência contra as ditaduras

no Cone Sul da América do Sul. Entre as décadas de 1960 e 1970, mais ou menos ao mesmo tempo, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai viveram regimes militares com características semelhantes.

A maior justificativa usada para legitimar estes regimes de exceção, foi a luta contra o comunismo, que naqueles tempos de Guerra Fria, amedrontava a elite e a classe média naqueles países, que deram suporte aos golpes militares. A Ditadura não era uma coisa nova nesses países, talvez com exceção do Uruguai e do Chile, que viveram décadas sob regimes democráticos. E também devemos considerar a influência do governo dos Estados Unidos na divulgação da doutrina da Segurança Nacional e o suporte, com treinamentos e equipamentos para as forças armadas de várias nações, cada um de acordo com sua especificidade.

Ao mesmo tempo em que as ditaduras eram implantadas, organizações de direitos humanos e de resistência e defesa da cidadania começaram a emergir. Grupos da Igreja Católica, ligados à chamada Teologia da Libertação, abrigaram grupos de pessoas com posições de esquerda e promoveram organizações comunitárias e iniciativas pastorais, que foram muito importantes naquele momento e no desenvolvimento das ações em prol dos Direitos Humanos. Nesse período também se desenvolveu na América do Sul e no mundo inteiro a “Nova Esquerda”, inspirada principalmente na Revolução Cubana e na Revolução Chinesa, que questionava as orientações dos partidos comunistas alinhados à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os grupos da Nova Esquerda organizaram-se em torno da esperança de que movimentos que começariam com pequenos grupos de vanguarda poderiam se espalhar por outras camadas sociais, como ocorreu em Cuba nos anos 1950 ou por acreditar na rebelião popular, como a que ocorreu na China.

Este período foi também marcado, no mundo ocidental, pela segunda onda do Movimento Feminista. Apesar das ditaduras, a contra cultura e o feminismo foram importantes na formação das subjetividades da geração jovem nestes vários países. Em 1968, enquanto na França os estudantes protestavam contra as rígidas normas acadêmicas e ao lado do movimento sindical, e os norte-americanos se colocavam contra a guerra do Vietnã, no Brasil, grandes passeatas foram organizadas contra a ditadura, como na Argentina em 1969, embora nessas passeatas a palavra liberdade, presente tanto na França como nos EUA, estivesse colocada mais como uma forma de desafio à ditadura. No Brasil, ficou muito famosa a Passeata do Cem Mil, no Rio de Janeiro, que foi acompanhada por demonstrações em várias capitais dos estados, que protestou contra o assassinato do estudante Edson Luís, morto no confronto entre estudantes e policiais.

A constituição dos grupos de esquerda, portanto, começou a contar com a participação de um número de mulheres muito maior do que usualmente participava da esquerda tradicional. No Brasil, Marcelo Ridente encontrou 15 a 20% de mulheres nas organizações armadas, em dados obtidos nos processos contra elas.⁴ No Uruguai, entre os Tupamaros, Ana Maria Araujo menciona que um terço dos militantes eram mulheres.⁵ Da mesma forma, entre os militantes desaparecidos na Argentina, em torno de 30% eram mulheres.⁶ Para o Chile, Bolívia e Para-

guai, não tenho ainda dados numéricos, mas a participação de mulheres em grupos de guerrilha e resistência também é reportada.⁷

A incorporação de mulheres nos grupos armados de esquerda não pode ser vista apenas como uma consequência “natural” do feminismo. Entre os militantes de esquerda, como fica claro na fala de Maria Amélia Almeida Telles, que era militante do PCdoB, não se podia falar em feminismo, isso era “uma coisa pequeno-burguesa” (Entrevista conduzida por Joana Maria Pedro, 24/08/2005). Militantes do Brasil⁸, Argentina⁹, Uruguai¹⁰, Chile¹¹ nos disseram que havia frequentemente tarefas diferentes entre ativistas mulheres e homens: para os homens eram geralmente designadas tarefas de liderança, atividades intelectuais, como escrever artigos e manifestos, além das ações armadas propriamente ditas ou mais perigosas, apesar da famosa citação de Urbano, um líder Tupamaro, “*Primero te diría que nunca es más igual una mujer a un hombre que detrás de una pistola 45.*”¹²

Por outro lado, vários relatos de ex-militantes, bem como textos escritos na época, sugerem que a militância nestes grupos era vista como algo “viril”, masculino, que requeria coragem e determinação, bem como colocar a causa acima de tudo, inclusive da família, qualidades vistas nas nossas sociedades como masculinas.¹³ Neste contexto, estou questionando a construção da subjetividade destes militantes a partir de um dos aspectos envolvidos nesta construção, que é o gênero, de uma forma comparativa com relação a várias organizações da esquerda revolucionária e dos grupos de resistência nos países do Cone Sul.

Nesta pesquisa até agora eu foquei minha atenção especialmente nos aspectos comuns da constituição de militantes da guerrilha nas organizações armadas, comparando questões como suas trajetórias de militância, a sua possível “migração” para os movimentos feministas, o exílio como um tempo de reflexão na militância, imagens de masculinidade nos documentos e regulamentos de organizações.¹⁴ Neste momento meu objeto é o uso do gênero nos movimentos de direitos humanos e nos movimentos de resistência às ditaduras.

Os discursos dos movimentos de guerrilha estão especialmente ligados a um discurso de masculinidade. Os guerrilheiros, homens e mulheres, viam-se a si próprios como uma vanguarda, no sentido de que eles sabiam o que deveria ser feito, e que eles tinham a coragem, a audácia e a força para fazê-lo: a revolução. Estes movimentos no Cone Sul foram derrotados pela intensa repressão a que foram submetidos pelas forças armadas e outras forças repressivas, como grupos paramilitares e polícias políticas, em cada país, e também pela coalizão entre os diversos países, conhecida pelo nome de Operação Condor.¹⁵ Por outro lado, os discursos da resistência foram especialmente ligados aos valores e representações da feminilidade e da maternidade.

Resistência é um conceito muito amplo. Normalmente pensado em oposição a “poder”, resistência pode ser qualquer tipo de ação individual ou coletiva realizada contra um governo, uma instituição, uma lei, uma ação repressiva. Para Foucault, toda relação de poder traz consigo uma ação de resistência. Se não há resistência, não há necessidade de uma ação de poder ou repressão.¹⁶ No contexto da Segunda Guerra Mundial, a resistência é uma questão muito estudada nos vários países ocupados pela Alemanha Nazista, especialmente a França. Mesmo em

países como a Alemanha e a Itália, nos quais o Nazismo e o Fascismo dominaram os governos naquele período, a ideia de uma resistência é muito acalentada pela historiografia posterior.¹⁷ Esta noção de resistência como um amplo leque de ações e movimentos contra uma ditadura, tirania, ou regime de exceção é usada por todo o mundo por historiadores, cientistas sociais e outros em contextos muito diversificados.¹⁸ E é aplicado tanto para movimentos armados como os Partisans na França, os movimentos de libertação da Argélia e em toda a África, como também para movimentos pacifistas como a luta de Nelson Mandela contra o Apartheid, na África do Sul, ou o movimento dos direitos humanos nos Estados Unidos.

Dessa forma penso que posso utilizar esta noção de resistência para incluir a guerrilha, movimentos de direitos humanos e mesmo organizações de familiares de presos e desaparecidos, assim como também outros tipos de movimentos, como associações profissionais e partidos de oposição no contexto das ditaduras do Cone Sul. Isto é importante pois, como já foi demonstrado por Marcelo Ridenti para o caso brasileiro, muitas vezes a resistência armada foi mistificada como sendo a única “verdadeira” resistência, como parece ser o caso do Chile também. Em outros contextos, percebemos que um movimento ou grupo é tomado frequentemente como o único representante da resistência, como no caso da Argentina, das *Madres de la Plaza de Mayo*.¹⁹

Por outro lado, a inclusão de toda esta ampla gama de grupos e movimentos, sob um mesmo “guarda chuva” tem seus próprios perigos, pois eles são muito diferentes, e às vezes até opostos em seus objetivos e estratégias. Para minha perspectiva investigativa, porém, uma diferença é crucial: o uso do gênero no discurso. As organizações armadas usaram frequentemente a masculinidade como um argumento para a luta contra a ditadura. Orgulho, honra, ação (*versus* passividade), força e capacidade de suportar todos os tipos de desafios físicos e morais em nome de um ideal, são usados para descrever como um guerrilheiro deveria ser, e explicar a ação.²⁰ Por outro lado, o discurso de denúncia contra a violência da repressão utilizou o gênero de outra maneira, quase oposta. Um dos discursos mais usados por um grande número de denúncias na mídia era sobre o uso da tortura. Outro tipo de denúncia era sobre o desaparecimento de militantes, e destacava muitas vezes o desespero das mães e outros familiares com relação a este desaparecimento. Outro tipo ainda era a ênfase na injustiça de muitas prisões, já que muitas das pessoas presas não eram militantes políticos. Em todos estes discursos, o gênero é um importante elemento, como pretendo mostrar. Mas é importante ver como o conteúdo destas denúncias contradizem a noção de um guerrilheiro, homem ou mulher, feito nos moldes do “macho”, que, citando Che Guevara, “...lança-se à luta implacavelmente, não permitindo uma única fraqueza em seus companheiros”²¹ e, conforme Carlos Marighela “é caracterizado por sua valentia e sua natureza decisiva.”²² Porém quando apelam para os Direitos Humanos²³ para denunciar as ditaduras, estas mesmas organizações humanizam os militantes, e, no mesmo movimento, mudam suas características de gênero.

Este homem na sala de tortura, por exemplo, não se parece nada com o implacável guerrilheiro. Assim como seu torturador, não tem características realmente humanas.



Breve historia de una impunidad. Asociacion de Ex-detenidos y desaparecidos, Buenos Aires, Argentina, 1986. Human Rights in Argentina II – Panphlets. Princeton University Libraries, Princeton, 1991. Microfilm. Consulted in Mckeldin Library, UMD College Park.

Organizações de Direitos Humanos

A noção de direitos humanos foi construída na cultura ocidental desde o século XVIII e adquiriu um significado novo e especial depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas, em 1948, após a divulgação das atrocidades cometidas pelo exército alemão contra os judeus e outros grupos étnicos, religiosos e políticos nos Campos de Concentração. ²⁴É interessante como a comparação entre as ditaduras do Cone Sul e a Alemanha Nazista tem sido sempre apontada, para denunciar as torturas, campos de prisioneiros, execuções sumárias e outras práticas perpetradas por todas essas ditaduras. E também pela análise social e histórica que usa esta comparação para entender os processos experimentados pelos prisioneiros e seus familiares, bem como pelas populações que viveram o medo e a convivência com estas práticas.

Desde o golpe de estado de 1º de abril de 1964, no Brasil, uma das primeiras medidas do novo “governo revolucionário” foi a prisão de todos os militantes conhecidos do Partido Comunista, bem como de sindicalistas e líderes estudantis. Mas foi após o Ato Institucional n. 5, em dezembro de 1968 que foi organizada uma repressão mais sistemática com participação do exército, marinha, aeronáutica, polícia política e até grupos civis e empresários, atuando de forma coordenada, certamente como resposta aos grandes protestos organizados especialmente por estudantes naquele ano. ²⁵ Ao mesmo tempo, familiares dos prisioneiros e desaparecidos começaram a pressionar por todos os meios disponíveis por informações e a liberação de seus filhos, filhas, maridos, amigos. Todos os tipos de caminhos eram usados: um amigo ou parente nas Forças Armadas ou na polícia, visitas às prisões e especialmente o apelo à Igreja Católica. Zuzu Angel, mencionada acima, usou sua fama como designer de moda assim como suas conexões com os Estados Unidos (seu ex-marido era um cidadão daquele país, assim como

seu filho, que foi preso e assassinado). Foi o mesmo caso de Renée France de Carvalho, cujo marido e dois filhos foram presos. Ela era cidadã francesa, ex-militante da resistência durante a Segunda Guerra Mundial. Com esse discurso, e o de que Apolônio de Carvalho, seu marido, também participou da resistência, tendo inclusive sido reconhecido com a Legião de Honra, ela instigou o embaixador francês no Brasil visitar várias vezes as condições de aprisionamento de seus filhos e marido, e fez todos os esforços para que eles fossem deportados para a França, para assegurar sua sobrevivência.²⁶ Por outro lado grupos como o Movimento Feminino pela Anistia, os Familiares de Desaparecidos Políticos do Araguaia e Clamor, também começam a aparecer no cenário político, principalmente depois de 1973, quando houve alguma mudanças na política da ditadura brasileira, com o início do processo chamado “Distensão”.

No Paraguai, o regime de Stroessner começou muito antes, em 1954, com a derrota do projeto Febrerista que visava um tipo de governo mais nacionalista e de cunho socialista. Como uma população pequena, em um território maior do que vários países europeus, mas com uma tradição muito enraizada de autoritarismo no governo e na vida social, como explica Guido Rodriguez Alcalá²⁷, o regime de Stroessner foi capaz de estabelecer um sistema repressivo de vigilância incrível. O *Museo de la Justicia*, também conhecido como “*Archivo del Terror*” guarda os remanescentes de um imenso arquivo formado por relatórios de vigilância de vários tipos de pessoas vistas como opositoras ao governo, que mostra que essas pessoas eram seguidas em cada um de seus passos e seus movimentos registrados e relatados. Entre essas pessoas destacam-se estudantes, sindicalistas, padres e freiras, qualquer estrangeiro que chegasse ao país, esposas e parentes de “suspeitos”, e muitos outros, incluindo “feministas”.²⁸ As mães, esposas e outras mulheres com familiares presos logo procuraram o apoio de alguns padres da Igreja Católica, e depois da segunda metade dos anos 1970, também procuraram obter apoio internacional com a Anistia Internacional e outras organizações. E passaram a visitar prisioneiros e prisões por todo o país. Um nome importante na organização dessa forma de resistência foi Carmem Lara Castro, cujo filho Jorge, esteve preso.

No Chile, desde 1973 o *Comité de Cooperación para la Paz* em Chile, que depois tornou-se a *Vicaria de la Solidaridad*, atuou sob o abrigo da Igreja Católica, prestando assistência legal e social às vítimas das violações aos direitos humanos decorrentes do Golpe de Estado perpetrado por Augusto Pinochet em 11 de setembro daquele ano. Em torno desta organização surgiu a *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos*.²⁹ Esta associação foi presidida por Sola Sierra entre 1977 e 1999. Uma de suas principais formas de luta foram greves de fome, mas também usaram a dança através de uma dança folclórica dançada tradicionalmente em pares, a Cueca, performatizada por uma mulher sozinha, la cueca triste. E através de oficinas de Arpilleras, um tipo de tapeçaria, feitas por mulheres e crianças, familiares de desaparecidos, muitas vezes com motivos políticos.

Na Argentina foram várias as organizações de direitos humanos que se organizaram, especialmente após o Golpe de estado de 1976, mas algumas já vinham atuando desde antes, pois as prisões, desaparecimentos e torturas começaram bem antes da própria ditadura, propriamente

ditada, naquele país. Entre estas organizações, pode-se destacar, entre outras: *Asamblea Permanente por los Derechos Humanos – APDH*, *Centro de Estudios Legales y Sociales – CELS*, *Madres de Plaza de Mayo*, *Servicio Paz y Justicia*. *Abuelas de Plaza de Mayo*, *Familiares de Desaparecidos e Detenidos por Razones Políticas*. A mais conhecida, que hoje se divide em duas organizações (após 1987) é sem dúvida *Madres de la Plaza de Mayo*, formada em 1977 por um grupo de mães de militantes políticos sequestrados que passaram a colocar na cabeça fraldas brancas e a se reunir na Plaza de Mayo, em frente à sede do Governo Argentino, para protestar todas as quintas feiras.

No Uruguai, após o golpe de estado de 1973, várias organizações se formaram, como *Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos*, a *Comisión de Derechos Humanos del PIT CNT (Central Sindical de Trabajadores)*, o *Instituto de Estudios Legales y Sociales del Uruguay (IELSUR)*, a *Comisión de Familiares de Asesinados Políticos*, a *Asamblea de ex presos/as políticos del Uruguay (CRYSOL)* e o *Servicio Paz y Justicia (SERPAJ)*. Várias destas organizações continuam atuando, e como na Argentina e no Chile, a luta pela responsabilização dos torturadores e responsáveis pelos desaparecimentos e assassinatos.

Na Bolívia, finalmente, é muito interessante a trajetória da ASOFAM, Associação de Familiares de Presos, Desaparecidos e Mártires pela Libertação Nacional da Bolívia, formada a partir dos familiares dos guerrilheiros da guerrilha de Teoponte, do início dos anos 1970. Foi presidente desta organização por muitos anos Loyola Guzman, ela mesma uma participante da guerrilha do Che, cujo companheiro foi assassinado pela Ditadura de Banz-er. Além de greves de fome, esta organização tem obtido em vários momentos apoios internacionais para suas reivindicações. Outra organização muito importante é a da *Amas de Casa Mineras*, afiliada à *Federacion de Mineros* e à *COB, Central Obrera de Bolivia*, que foi liderada por alguns anos por Domitila Chungara, falecida recentemente (13/03/2012).

Mães Dolorosas

Analisando os materiais dessas organizações, percebe-se como as emoções e sentimentos ligados à maternidade foram mobilizados para sensibilizar a opinião pública. Parecia diferente dizer que um militante ou um guerrilheiro tinha sido torturado e estava desaparecido, do que uma mãe dizer: procuro meu filho.



Todo esto me tiene muy enferma, pero no me impedirá seguir exigiendo justicia y el esclarecimiento de la suerte corrida por él en manos de sus aprehensores, en los cuales están los nombres de algunos de los encargados reos por el ministro Carlos Cerda.

Orfilia Silva Corrales

(Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos

Título: ¡Hasta encontrar la verdad! Detenidos - Desaparecidos, diciembre 1976, 1986

Colección: Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría de la Solidaridad, in: http://www.archivovicaria.cl/archivos/VS4b4f1f92850eb_14012010_1043am.pdf consulted on 31/01/2011)

Esta imagem da mãe com o retrato do filho, é recorrente em todos os materiais, e mais do que nada simbolizou a denúncia das atrocidades cometidas nos vários países pelas ditaduras.

As Madres de la Plaza de Mayo foram a organização que mais mobilizou esse discurso. Hoje dividida em duas organizações, a Madres de la Plaza de Mayo- Línea Fundadora e a outra por divergências e questões várias, o símbolo máximo dessa organização segue sendo a fralda branca na cabeça dessas senhoras que pedem o aparecimento de seus filhos com vida ou a punição dos responsáveis pelo seu assassinato.



<http://www.focoblanco.com.uy/2011/06/contra-las-madres-de-plaza-de-mayo/>

A fralda remete ao cuidado das mães com seus filhos. Elas usam estrategicamente seu papel de mães, mães como aquelas que cuidam dos filhos, ligadas por um laço emocional muito forte a eles, para humanizar os guerrilheiros e militantes de esquerda. Acima de tudo, antes de serem guerrilheiros, ou terroristas como os governos militares os chamavam, esses jovens eram

filhos e filhas, bebês que usaram fraldas, que receberam cuidados de suas mães, pessoas, humanos. O discurso delas é sempre neste tom emocional:

Las Madres de Plaza de Mayo seguiremos luchando, no solo con la palabra, sino poniendo el pecho y la cabeza cada vez que sea necesario, por nuestros hijos, pero también por todos aquellos hombres y mujeres de esta tierra que sufren la injusticia de los opresores que siempre se esconden detrás de los uniformados de turno.

Y vamos a seguir luchando, porque nosotras estamos embarazadas para siempre de nuestros hijos, que es como decir de liberación y de esperanza.

4 de febrero de 1984

Carta Abierta de la Asociación Madres de Plaza de Mayo al Dr. Raul Alfonsín. 4/02/1988. Buenos Aires, Argentina. Human Rights in Argentina II – Pamphlets. Princeton University Libraries, Princeton, 1991. Microfilm. Consulted in McKeldin Library, UMD College Park.

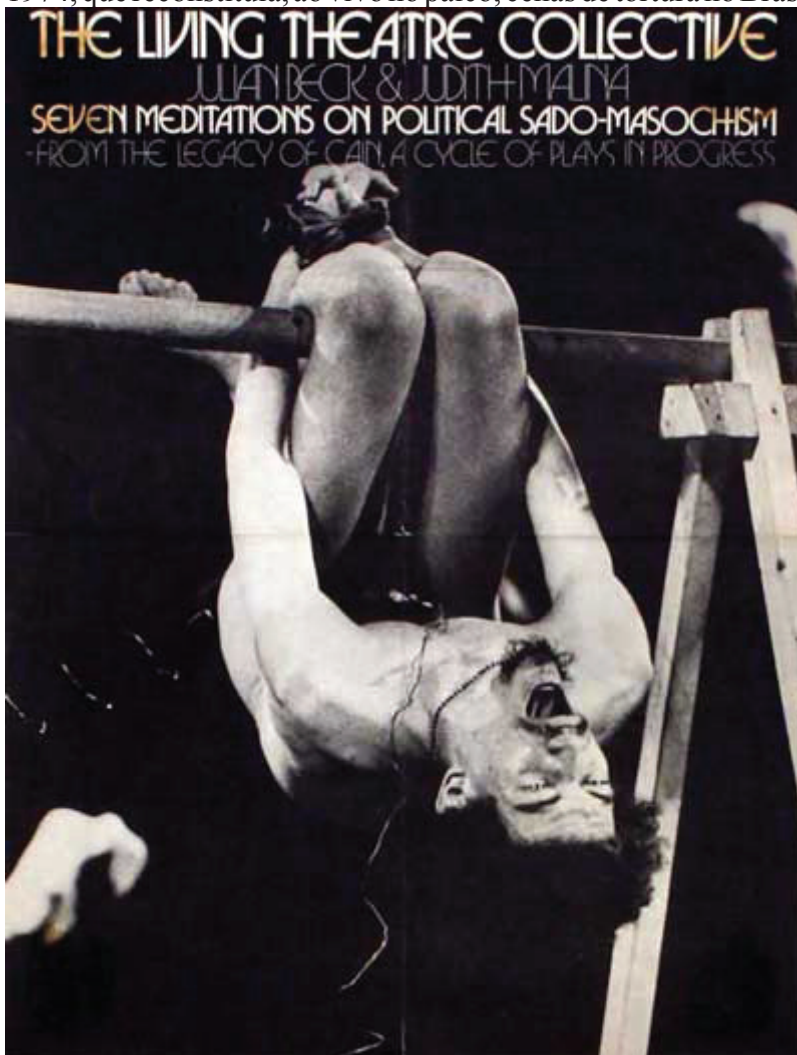
Elas dizem que estarão sempre grávidas de seus filhos, eles seguem sendo partes de suas vidas mesmo depois de mortos. Como diz Chico Buarque, em outra música dedicada ao tema da mãe que tem esse filho desaparecido, “a saudade é o revés de um parto, a saudade é arrumar o quarto, do filho que já morreu.”³⁰ Ludmila Catela explorou em sua tese a reconstrução dos familiares de desaparecidos após a perda de seus filhos, filhas, esposos, irmãos. A denúncia, a luta por informações, a necessidade de buscar apoios em outras famílias, na igreja, nas organizações de direitos humanos, faz com que toda a vida dessas pessoas se reorganize em torno destas pessoas que morreram, desapareceram, mas certamente não foram esquecidas.³¹ Processo semelhante foi analisado por Deusa Maria de Sousa sobre o grupo de familiares de desaparecidos do Araguaia³². Mas aqui estamos apenas chamando a atenção para como a emoção e o sentimento, expostos publicamente, tiveram importante papel na sensibilização da opinião pública, e especialmente na “humanização” dos militantes, a partir da exposição de suas mães.

Tortura

Lynn Hunt, no seu livro sobre a história dessa ideia de Direitos Humanos, mostra como a denúncia aos suplícios e torturas praticados no sistema penal na França e outros lugares do mundo, foi importante para a construção de uma opinião pública contrária ao uso destes meios e para a construção das declarações e leis que instituíram os Direitos Humanos na qualidade

de direitos. Pois na América do Sul, nos países em que estamos falando, a denúncia à tortura praticada sistematicamente contra os militantes de organizações de esquerda e mesmo pessoas que por vezes nem faziam parte destas organizações, foi também extremamente importante.

James Green, no seu livro sobre a oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, mostrou como as denúncias de tortura foram fundamentais para a criação de uma opinião pública naquele país contra a conjuntura política do que acontecia no Brasil. Isso se refletiu, após muitas denúncias, na política de Jimmy Carter a partir de 1977, de exigir dos governos da América do Sul o respeito aos Direitos Humanos. James Green fala, por exemplo, de uma peça de teatro encenada em 1974, que reconstituía, ao vivo no palco, cenas de tortura no Brasil e que teve grande repercussão:³³



<http://www.thelodownny.com/leslog/2011/03/living-theatre-revisits-seven-meditations-on-political-sado-masochism.html/smopsm>

A tortura, como eu já coloquei acima, humaniza também o militante, quando a pessoa começa a descrever o que se passava naquelas câmaras. E o gênero foi também muito usado nas denúncias. De certa forma, parece que quando se fala de tortura com mulheres, crianças, e especialmente, mulheres grávidas, parece que a denúncia ganha em peso, torna-se mais séria, atinge mais a emoção.

FROM HAMBURG, GERMANY



Promoted by COSPAL
(Solidarity Committee
with Argentina and
Latin America)

FREEDOM FOR VERONICA
HANDL ALVAREZ AND HER
LITTLE SON PABLO, BORN
APRIL 10, 1977 IN THE
JAIL OF VILLA DEVOTO,
BUENOS AIRES.

INTERNATIONAL campaigns for the

PABLO was born and he stayed with her in the Villa Devoto prison. Here are excerpts from two censored letters she wrote to her brother in Hamburg, Germany from prison:

"How fast everything passes. How long the time and also how short! But the story started from the first day. So many things happened and between them were moments of deep unhappiness... All seemed diluted as in dark circle without ending and more when you go to sleep without knowing if the next morning you will be awakened violently and they will take you away. Forever."

"It is a relief to know you can still see the light of day." The routine of the pain was replaced by the necessity under these circumstances to support each other in the daily thought and the desire to keep going with the happiness that the physical pain is surpassed by an incredible strength."

With respect to her pregnancy VERONICA HANDL wrote: "I give you a beautiful surprise: I'm pregnant!!! If you were here you'd be tired of my talking about it. Is the best and sweetest thing that can happen to us. My husband and I knew one week before I was caught and we had some time to share the good news. We did everything but climb the obelisk and shout it from there. After that a bad period started because I lost blood and I supposed that...well, no bother, the important thing is that the baby is there and without any intention to go away."

We call on international public opinion to appeal to the Argentine Government for the freedom of this innocent woman and her son from the inhuman condition of their unjust imprisonment.

SCAP 5

A denúncia acima se refere a uma mulher, Veronica Handl, torturada mesmo estando grávida, e exige sua libertação e de seu filho, Pablo, que teria nascido na prisão, em 1977, na Argentina. Todo o discurso remete a um tom emocionado, que apela para a injustiça da prisão e as condições desumanas de seu aprisionamento: "Chamamos a opinião pública internacional a apelar ao Governo Argentino pela liberdade desta mulher inocente e seu filho das condições desumanas de seu injusto aprisionamento." (tradução livre)

Da mesma forma foram denunciados casos como esses em vários lugares. A história de Maria Amélia Almeida Telles e sua irmã Criméia, por exemplo são histórias que tem sido denunciadas repetidamente e que geram sempre um sentimento de injustiça e muita indignação. Maria Amélia era militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e trabalhava especialmente na escrita, composição e impressão do jornal do partido, em São Paulo, quando foi presa em 1972. Criméia era enfermeira e durante algum tempo atuou no Araguaia, com o grupo depois chamado de Guerrilha do Araguaia. Como engravidou, veio para São Paulo, estabelecer contatos para o grupo. A prisão de Maria Amélia e toda a sua família, incluindo a filha Janaína de 6 anos e o filho Edson, de 4, o marido César, ela e a irmã, buscava identificar as lideranças do PCdoB e especialmente os elementos de ligação entre o grupo do Araguaia com o partido.

Maria Amélia foi muito torturada e por algum tempo sustentou a versão de que sua irmã

seria uma doméstica, tentando ganhar tempo. Como Criméia estava grávida de 8 meses e César era tuberculoso e diabético, muitas vezes Amelinha era torturada na frente deles, para que eles falassem. Os filhos ficaram durante algum tempo, uma ou duas semanas, na mesma prisão, sob a guarda de policiais, e eram levados para ver a mãe algumas vezes, servindo como uma tensão adicional para esta, pois os policiais faziam ameaças. Ela conta que uma vez, estando ela na cadeira do dragão, os filhos foram trazidos à sala de torturas, e o filho perguntou: mamãe, porque o papai está verde e você está azul? Ela então se deu conta que estava toda coberta de hematomas, toda roxa.³⁴ Amélinha deu esses depoimentos ao Brasil Nunca Mais, a jornais e a auditórios cheios. E, em uma ação inédita, junto de sua família, conseguiu judicialmente responsabilizar o Coronel Brilhante Ustra por ter ordenado a tortura.

Quando o sentimento se torna política

A ação das mães de presos e desaparecidos políticos, junto com a de outras pessoas que se articularam com elas em suas buscas por informações, em seu choro e luto público, em suas caminhadas pelas praças, delegacias, nas filas das prisões, em tantos lugares ostentando o luto como uma bandeira, foi fundamental no restabelecimento da democracia em vários dos países dos quais falamos.

Um exemplo disso, muito forte, foi a ação das Amas de Casas Minerias, em sua greve de fome para a libertação dos maridos mineiros presos pela ditadura Banzer, em 1978. Sob a liderança de Domitila Chungara, mulheres e crianças fizeram uma greve de fome de ... dias que chamou a atenção da opinião pública internacional, àquele momento aliás bastante sensibilizada por campanhas anteriores, e tornaram a situação do ditador Banzer insustentável.

MUJERES Y NIÑOS CONTRA EL FASCISMO

Tuvieron que ser las mujeres y los niños, obligados por las circunstancias, quienes ingresen a la prueba de sacrificio, toda vez que esposos y padres (la mayor parte dirigentes obreros) quedaron, por la "cristiana" voluntad del dictador Bánzer, marginados de la "amnistía" decretada con motivo de las fiestas de Navidad y de las anunciadas "elecciones".

La Voz de Bolivia en el exilio. N. 9, México, enero de 1978, p. 2. NACLA. Bolivia. Mckeldin Library.

No Chile e no Paraguai, onde as ditaduras também eram personificadas, no caso por Pinochet e Stroessner, as denúncias também foram fundamentais para a queda destes governos, junto com outras motivações, também, é claro. Assim como também foram no Brasil, no Uruguai e na Argentina. Dessa forma as emoções e sentimentos despertados pela exposição do

luto das mães, o uso estratégico da noção de maternidade, como um dos componentes das construções de gênero de nossa sociedade, tornam-se nesses contextos cheios de agência, tornando algo normalmente relegado às esferas da intimidade, uma questão pública, a dor privada, em vergonha pública, o choro, em ação política.

Notas

- 1 Professora do Departamento de História da UFSC.
- 2 A música diz: “ Quem é essa mulher/Que canta sempre esse estribilho?/Só queria embalar meu filho/Que mora na escuridão do mar/Quem é essa mulher/Que canta sempre esse lamento?/Só queria lembrar o tormento/ Que fez o meu filho suspirar/Quem é essa mulher/Que canta sempre o mesmo arranjo?/Só queria agasalhar meu anjo/ E deixar seu corpo descansar/Quem é essa mulher/ Que canta como dobra um sino?/ Queria cantar por meu menino/ Que ele já não pode mais cantar/ Quem é essa mulher/ Que canta sempre esse estribilho?/ Só queria embalar meu filho/ Que mora na escuridão do mar. Angélica. Chico Buarque e Militinho, 1976.
- 3 Sobre Zuzu Angel e sua luta , ver Valli, Virgínia. *Eu, Zuzu Angel: procuro meu filho*. Rio de Janeiro: Record, 1987 e Green, James N. *We cannot remain silent*. Opposition to the Brazilian Military Dictatorship in the United States. Durham, Duke University Press, 2010, pp. 315-319. Ver também o filme, *Zuzu Angel*, Dirigido por Sérgio Rezende, 2006.
- 4 RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: UNESP, 1993, p. 198.
- 5 ARAUJO, Ana Maria. *Tupamaras. Des femmes de l'Uruguay*. Paris : des femmes, 1980, p. 32.
- 6 CAPDEVILA, Luc. Genre et armées d'Amérique Latine. *Clio. Histoire, Femmes et Sociétés*, n.20, Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004, pp. 147-168.p. 158.
- 7 BALDEZ, Lisa. Nonpartisanship as a political strategy. Women left, right, and center in Chile. In: GONZÁLEZ, Victoria and KAMPWIRTH, Karen (orgs.) *Radical women in Latin America*. Left and right. Pennsylvania: The Pennsylvania University Press, 2001.p.273-297; ZOTTELE, Ingrid et alii. *Femmes et Dictature*. Être chilienne sous Pinochet. Récits recueillis et présentés par Catherine BLAYA. Paris: ESF, 2000. PERICÁS, Luiz Bernardo. Bolívia: Militares, movimentos sociais e guerrilhas (1964-1971) ANPHLAC. *Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC*. Vitória, 2000. disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/anais/encontro3/ensaio20.htm>; Echaury, Carmen, et. al., *Hacia una presencia diferente. Mujeres, organización y feminismo*, CDE, Paraguay, 1992.
- 8 COSTA, Albertina de Oliveira et alii. *Memórias das mulheres do exílio*. (Memórias do Exílio vol. II). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- 9 DIANA, Marta. *Mujeres Guerrilleras*. La militância de los setenta em el testimonio de sus protagonistas femininas. 2 ed.Buenos Aires: Planeta (Espejo de la Argentina), 1997.
- 10 ARAUJO, Ana Maria. Op. Cit. . Ver também: Memórias para Armar...
- 11 ZOTTELE, Ingrid et alii. Op. Cit.
- 12 Apud ARAUJO, Op. Cit., p. 146.
- 13 Sobre este tema é interessante o trabalho LANCASTER, Roger N. *Life is hard: Machismo, danger, and the intimacy of power in Nicaragua*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1992.
- 14 WOLFF, Cristina Scheibe . Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). *História Unisinos*, v. 13, p. 124-130, 2009. WOLFF, Cristina Scheibe . Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História (Impresso)*, v. 27, p. 19-38, 2007. WOLFF, C. S. . Le genre de la résistance: représentations de genre dans la lutte armée contre la dictature militaire au Brésil - 1968-1973. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, v. 55/56, p. 55-67, 2005. WOLFF, Cristina Scheibe . O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: Joana Maria Pedro; Cristina Scheibe Wolff. (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010, v. 1, p. 138-155. PEDRO, Joana Maria ; WOLFF, Cristina Scheibe . Entre 1968 et le présent: gauche et féminisme sur les murs du Cône Sud. In: CAPEDEVILA, Luc et LANGUE, Frédérique (dir.). (Org.). *Entre mémoire collective et histoire officielle. L'histoire du temps présent en Amérique Latine*. Rennes: Presses Universitaires Rennes, 2009, v. , p. 129-148. WOLFF, Cristina Scheibe . Féminisme et lutte armée : un regard de l'exil. In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos; ROLLAND, Denis. (Org.). *L'Exil brésilien en France : histoire et imaginaire*. 1 ed. Paris: L'Harmattan, 2008, v. 1, p. 159-171.
- 15 DINGES, John *Os anos do condor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- 16 Foucault, Michel. *História da sexualidade...*

- 17 PEUKERT, Detlev J. K. Inside Nazi Germany: conformity, opposition and racism in everyday life. New Haven: Yale University Press, 1987. SOO, Scott. Resisting in France and *la vie inventée*. Journal of Contemporary History, University of Sussex. 1 (2000), pp 1-10.
- 18 RIDENTI, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para pesquisadores. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Baurú, SP: Edusc, 2004., pp. 53-65, p. 54
- 19 Não estou aqui defendendo que as “Madres” não sejam um movimento muito importante na resistência argentina, e mesmo no contexto sul-americano, apenas que elas não constituem toda a resistência.
- 20 Para Che Guevara: “The guerrilla combatant is a night combatant; to say this is to say at the same time that he must have all the special qualities that such fighting requires. He must be cunning and able to march to the place of attack across plains or mountains without anybody noticing him, and then to fall upon the enemy, taking advantage of the factor of surprise which deserves to be emphasized again as important in this type of fight. After causing panic by this surprise, he should launch himself into the fight implacably without permitting a single weakness in his companions and taking advantage of every sign of weakness on the part of the enemy. Striking like a tornado, destroying all, giving no quarter unless the tactical circumstances call for it, judging those who must be judged, sowing panic among the enemy combatants, he nevertheless treats defenseless prisoners benevolently and shows respect for the dead.” GUEVARA, Ernesto Che. *Guerrilla Warfare*. P. 24.
- 21 Ibidem, p. 24
- 22 MARIGHELA, Carlos. Minimanual do guerrilheiro urbano. 1969. (<http://brasil.indymedia.org/media/2008/06/422822.pdf>, consulted in 01/28/2011) Free translation.
- 23 About Human Rights, see : HUNT, Lynn. *A invenção dos Direitos Humanos: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- 24 Hunt, Lynn. *A invenção dos direitos humanos. Uma história*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- 25 JOFFILY, Mariana Rangel. **No centro da engrenagem. Os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975)**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03062008-152541/>>. Acesso em: 2012-03-19. JOFFILY, Mariana. Os Nunca más no Cone Sul: gênero e repressão política (1984-1991). In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. (Org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- 26 Como se vê na correspondência enviada pelo Charge des Affaires aux Brésil, M. Pierre Dessau au Ministre des Affaires Etrangères Maurice Schumann, datada de 10 de março de 1970, constante no Arquivo Diplomático de Nantes.
- 27 ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Ideología autoritaria*. Asunción: Servi Libro, 2007.
- 28 Visitei este arquivo com Joana M. Pedro, Mirian A. Nascimento e Larissa M. Freitas em julho de 2010.
- 29 García, Mireya. *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos*. Santiago. 2002
- 30 Chico Buarque de Hollanda, *Pedaço de Mim*, 1979. Opera do Malandro.
- 31 CATELA, Ludmila da Silva. *No Habrá Flores en la Tumba del Pasado. La Experiencia de Reconstrucción del Mundo de los Familiares de Desaparecidos*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2001.
- 32 SOUSA, Deusa Maria. *Lágrimas e Lutas: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos políticos*. Florianópolis, UFSC, Tese de doutorado em História, 2011.
- 33 GREEN, James N. *Apesar de vocês. Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- 34 Maria Amélia Almeida Telles. in “Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul” ed. Joana Maria Pedro and Cristina Scheibe Wolff. (Florianópolis: Mulheres, 2010), p. 264